



OS NOVÍSSIMOS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS TERRITORIALIDADES POLÍTICAS JUVENIS: PERTENCER, EXISTIR E RESISTIR!¹

Lara Pires Weissböck ²
Márcia da Silva ³

RESUMO

Os chamados novíssimos movimentos sociais surgem a partir de 2010, em diversos países, constituindo-se em movimentos com maior pluralidade, autonomia e horizontalidade. Neste contexto, este artigo, que é resultado de uma pesquisa maior de doutorado, busca tratar sobre estas conjunturas, analisando a participação dos jovens nesses novíssimos movimentos sob o viés geográfico. A metodologia utilizada foi a coleta de dados primários e secundários, por meio de trabalhos de campo em movimentos sociais e encontros de jovens, a partir da aplicação de questionários *online* no Movimento Feminista 8M em Barcelona (tendo 80 jovens da Espanha como respondentes) e no Brasil (35 jovens), e por entrevistas com 8 jovens no Brasil, em 2019. Serão tratados, em específico, os resultados relacionados à como eles creem que as pessoas veem os jovens que participam dos movimentos sociais, suas concepções do que é ser jovem, as formas de participação e mobilização, bem como se creem que essas lutas podem obter êxitos, a fim de estabelecer algumas variáveis relacionadas ao que tratamos aqui por novíssimos movimentos sociais, Geração # e Geração *Blockchain*, e territorialidade política juvenil. Considera-se possível afirmar que a territorialidade política dos jovens está no movimento de “lado vivido” e de “lado atuante” das relações entre sociedade, espaço e indivíduos, nas suas individualidades e/ou coletividades. A territorialidade política está em pertencer, existir e resistir!

Palavras-chave: Jovens; Geração #; Geração *Blockchain*; Novíssimos movimentos sociais; Territorialidades.

RESUMEN

Los llamados nuevos movimientos sociales surgieron a partir de 2010, en varios países, convirtiéndose en movimientos con mayor pluralidad, autonomía y horizontalidad. En este contexto, este artículo, que es resultado de una investigación doctoral más amplia, busca abordar estas situaciones, analizando la participación de los jóvenes en estos *new new social movements* desde una perspectiva geográfica. La metodología utilizada fue la recogida de datos primarios y secundarios, a través del trabajo de campo en movimientos sociales y encuentros de jóvenes, a

¹ Parte deste estudo foi desenvolvido durante a instância em Barcelona pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), com bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Doutora pelo Curso de Geografia da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO/PR, Professora substituta no IFSC, prof.larapires@gmail.com.

³ Pós-doutora na Universidade de Lisboa, Professora Associada no Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO/PR, marcia.silvams@gmail.com.



partir de la aplicación de cuestionarios online en el Movimiento Feminista 8M en Barcelona (con 80 jóvenes de España como encuestadas) y en Brasil (35 jóvenes), y por entrevistas a 8 jóvenes en Brasil, en 2019. Específicamente, los resultados se relacionaron con cómo creen que las personas ven a los jóvenes que participan en movimientos sociales, sus concepciones de lo que significa ser joven, las formas de participación y movilización, así como cómo creen que estas luchas pueden tener éxito, con el fin de establecer algunas variables relacionadas con lo que aquí estamos hablando por *new new social movements*, Generation # y Generation *Blockchain*, y territorialidad política juvenil. Se considera posible afirmar que la territorialidad política de los jóvenes está en el movimiento del “lado vivido” y el “lado actuante” de las relaciones entre sociedad, espacio e individuos, en sus individualidades y / o colectividades. ¡La territorialidad política es pertenecer, existir y resistir!

Palabras clave: Jóvenes; Generacion #; Generación de *blockchain*; *new new social movements*; Territorialidades.

INTRODUÇÃO

Partindo da compreensão sobre a importância de vislumbrar os jovens enquanto sujeitos que fazem parte das transformações sociais, culturais, econômicas e políticas, e mais, sob um viés geográfico, este estudo busca trazer elementos para refletir acerca das suas territorialidades políticas nos novíssimos movimentos sociais. E isso, por considerar que temos vivenciado um ciclo internacional de mobilizações singular, a partir do final de 2010 e início de 2011, distintas das até então ocorridas, em especial quanto às agendas e as formas de ação, e que compartilham reivindicações que partem, inclusive, de uma forte crise de legitimidade dos agentes políticos, em que os jovens figuram como parte importante nesses contextos reivindicatórios.

Ao propor reflexões sobre os novíssimos movimentos sociais, considera-se que estes se dão na fronteira entre o espaço físico e o virtual, sublinhando as transformações e os conflitos sociais associados à consolidação do capitalismo informacional (JURIS, PEREIRA e FEIXA, 2012). Ademais, a base social desses movimentos abrange gerações, gêneros, etnias, territórios e a sua base espacial está localizada em um espaço globalmente entrelaçado, como o sistema neoliberal a que esses movimentos se opõem. E essas questões são essenciais para tentar caracterizar, mapear, dar forma aos movimentos que se sucederam, em uma revolta interconectada que se baseia nos imaginários, utopias, dispositivos e tecnologias que milhões de jovens compartilham hoje.



Neste cenário, há que se questionar sobre quais são as características de todas essas mobilizações, porque geram o mais puro entusiasmo ou então as críticas e desqualificações mais extremas. Considera-se que as respostas estão, inclusive, no fato de os novíssimos movimentos sociais serem de caráter aberto, não se limitando a nenhuma ideologia específica. Além disso, por seu tom festivo, no qual há espaço para todas e cada uma das indignações contra o sistema e por sua capacidade tecnológica, que transformou a *internet* em um aliado fundamental e em um espaço de viralização eficaz (REGUILLO, 2017).

Da mesma forma, os novíssimos movimentos sociais têm como características comuns, independentemente de ser local ou global, o fato de serem marcadamente dinamizados pelas camadas da juventude escolarizada, veiculadas através do ciberespaço, marcadas pela organização flexível, em rede, sem lideranças identificadas e, ainda, revelarem um caráter parcialmente espontâneo (ESTANQUE, 2014).

Ademais, as novas tecnologias, em especial a *internet*, são potenciais geradoras de mobilizações, sendo considerada uma maneira de constituição e atuação de muitos coletivos (GOHN, 2018; CASTELLS, 2013), em especial dos sujeitos das chamadas Geração # e Geração *Blockchain* (FEIXA, 2014).

A *internet* é recurso e fator estratégico, pois traz em si um poder que vai além da mobilização, impactando no caráter da ação coletiva desenvolvida, transformando-se em ações conectivas. Este espaço virtual acaba por ser central no caráter dessas ações conectivas, em especial no que diz respeito à infraestrutura de recursos para formar pautas, consensos, mobilizações, divulgando resultados de atos etc. (GOHN, 2018).

Tendo, portanto, os jovens enquanto sujeitos centrais nos novíssimos movimentos sociais, mesmo compreendendo que são também mobilizações intergeracionais, neste estudo trataremos sobre os conceitos de jovens, Gerações # e *Blockchain*, com análises de dados de trabalhos de campo realizados em Barcelona (com jovens respondentes de diversos lugares da Espanha) e no Brasil em 2019, no movimento feminista 8M.

METODOLOGIA

Versando sobre as especificidades metodológicas dos trabalhos de campo, trataremos sobre os realizados na participação do movimento feminista em Barcelona, o



8M, no ano de 2019, da aplicação de questionários *online* com jovens que participaram deste movimento em Barcelona e no Brasil, e entrevistas no Brasil.

Optamos por questionário semiestruturado, e sua aplicação iniciou-se no dia 12 de março de 2019, difundido inicialmente para contatos realizados no movimento pelas ruas de Barcelona em 8 de março de 2019. Na semana seguinte foi realizada a aplicação de questionários no Brasil, em que a divulgação se deu através de redes sociais particulares sem um contato direto com os respondentes. Na totalidade, foram 115 jovens pesquisados, entre 14 e 34 anos, sendo 80 na Espanha e 35 no Brasil.

Também foram realizadas entrevistas com 8 jovens no Brasil, escolhidos à medida que participávamos de movimentos sociais e de eventos de coletivos juvenis, de 2017 a 2020, em que ocorriam conversas informais com aqueles que ali estavam, no sentido de levantar informações sobre quem eram, suas trajetórias nos movimentos sociais, em coletivos e/ou partidos políticos, etc. Os momentos foram aproveitados, inclusive, para solicitar indicações de outras pessoas que estes consideravam interessantes à pesquisa.

Quanto aos entrevistados, o contato com 6 jovens⁴ foi realizado de forma direta por nós (MJE1, MJE2, MJE3, MJE4, MJE5 e HJE1), 1 jovem indicado pelo entrevistado HJE1 e 1 jovem indicado pelo HJE2. Sobre a forma com que estes jovens foram contatados, a MJE1 foi por meio de uma rede social, depois que se teve acesso a um documentário, *Espero a tua (re)volta*⁵, que trata sobre as manifestações estudantis em 2015 no Brasil. A MJE1 consta na ficha de atores que participaram do referido documentário. Da mesma forma, a MJ3 foi contatada via rede social.

A MJE2 é uma figura pública em movimentos sociais juvenis e também foi contatada inicialmente pela *internet*. O contato pessoal foi realizado no 47º Congresso da União Paranaense dos Estudantes (CONUPE⁶). O contato com a MJE4 também foi

⁴ Nos referiremos a eles, respeitando suas identidades, como MJQEs1 – mulher jovem 1 respondente do questionário na Espanha, HJQEs1 – homem jovem 1 respondente do questionário na Espanha, MJQBr1 – mulher jovem 1 respondente do questionário no Brasil e assim sucessivamente. Quando nos referirmos aos entrevistados estarão como MJE1 – mulher jovem 1 entrevistada e assim sucessivamente.

⁵ Um retrato do movimento estudantil que ganhou força a partir do ano de 2015 ocupando escolas estaduais por todo Brasil. O documentário foi o vencedor do *Amnesty International Film Prize* e do *Peace Film Prize* do **Festival de Berlim**.

⁶ Evento no qual participamos, no Brasil em 2019, para realização do trabalho de campo.



realizado durante o 47º CONUPE, a qual estava se candidatando, naquele momento, a presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas do Paraná (UBES). No mesmo evento foi realizado o contato com a MJE5.

O HJE1 foi contatado inicialmente no evento Acampamento Internacional das Juventudes em Luta⁷, em 2017 e no 47º CONUPE, em 2019, momento em que se passou a ter o contato do HJE3, jovem contatado presencialmente na Greve Geral pela Educação em Recife/Pernambuco/Brasil.

A este artigo, resultado da tese de doutorado intitulada *PERTENÇO, LOGO EXISTO E RESISTO!* As territorialidades políticas juvenis nos novíssimos movimentos sociais, defendida em 2021, serão tratados, em específico, os resultados relacionados à como eles creem que as pessoas veem os jovens que participam dos movimentos sociais, suas concepções do que é ser jovem, as formas de participação e mobilização, bem como se creem que essas lutas podem obter êxitos, a fim de estabelecer algumas variáveis relacionadas ao que tratamos aqui por novíssimos movimentos sociais, *Geração #* e *Geração Blockchain* e territorialidade política juvenil.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ciclos internacionais de mobilizações, que passaram a eclodir no final dos anos de 2010 e com ênfase a partir do início de 2011 nos mais diversos países do mundo, são considerados de forma distinta dos até então ocorridos. Para Álvarez-Benavides (2016), o contexto se configura com o neoliberalismo, representando um marco importante no que diz respeito à forma com que passaram a surgir, estando relacionados, imbricados, com propósitos e em contextos ora similares e ora distintos.

Além disso, têm como atributos comuns o fato de serem marcadamente dinamizados, segundo Estanque (2014, p. 66), “[...] pelas camadas da juventude escolarizada, veiculadas através do ciberespaço, marcadas pela organização flexível, em rede, sem lideranças identificadas e, ainda, revelarem um caráter parcialmente espontâneo.”

Como pano de fundo de muitas dessas mobilizações está a crise de legitimidade das instituições políticas responsáveis pela gestão da vida coletiva, originando-se nos

⁷ Evento no qual participamos, no Brasil em 2017, para realização do trabalho de campo.



países árabes no final de 2010⁸, associada simbolicamente à imolação de um jovem tunisiano e da experiência da Islândia e sua *wikiconstituição*. Estas, acabaram por se tornar alusões e inspiraram o mundo a lutar por seus ideais, uma vez que conseguiram uma mudança institucional concreta (SOEIRO, 2014).

Neste contexto, buscamos refletir e indicar que há que se (re)pensar os movimentos sociais levando em consideração que estes, ao mesmo tempo em que têm propósitos com suas similitudes, também existem diferenças implícitas em cada um deles. Ademais, que mesmo que sejam intergeracionais, são, em sua essência, dinamizados por jovens que se mobilizam por meio do ciberespaço, a partir de uma perspectiva que foge de características dos chamados movimentos sociais tradicionais ou dos novos movimentos sociais.

Estes caracterizam-se por uma organização mais flexível e sem lideranças marcadamente identificadas e de caráter espontâneo, passando a se caracterizar enquanto novíssimos movimentos sociais para referir-se aos movimentos antiglobalização, que seguem:

[...] uma lógica de afinidade na medida em que estão enraizados em autonomia e na descolonização, desenvolvendo, para tanto, novas formas de auto-organização. Essas novas formas de auto-organização podem funcionar em paralelo ou como alternativas às formas existentes de organização social, política e econômica. (PEREZ e SOUZA, 2017, p. 9).

Para Perez e Souza (2017, p. 8-9), o termo é utilizado para fazer referência “[...] a mobilizações sociais com pautas anarquistas e/ou anticapitalistas ligados ao fenômeno da globalização [...]”. A exemplo, o *Occupy Wall Street*⁹, a Primavera Árabe¹⁰, a Geração à Rasca¹¹, o *Juventud Sin Futuro*¹², o 15M (Movimento dos Indignados)¹³, Que

⁸ A chamada Primavera mediterrânea, ou Primavera Árabe.

⁹ Movimento de protesto contra a desigualdade econômica e social, iniciado em 2011 na cidade de Nova York.

¹⁰ Movimento que eclodiu no final de 2010 e em 2011 no Oriente Médio e no Norte da África. Para saber mais: Castells (2013).

¹¹ Em março de 2011 em Portugal. Correspondeu a uma gigantesca manifestação onde convergiram a juventude atingida pela precarização, as gerações mais velhas também precárias ou solidárias, organizações sociais (feministas, LGBT, entre outros), setores organizados da esquerda anticapitalista (como o Bloco de Esquerda), etc. Para saber mais: Soeiro (2014).

¹² Em abril de 2011 na Espanha, enquanto um coletivo de jovens, em sua grande maioria de universidades madrilenhas, que se uniram em torno de um ideário de reivindicações em um contexto de forte crise econômica e de cortes sociais que ocorriam na época, sob o lema central “[...] *sin casa, sin curro, sin miedo!*” (“sem casa, sem emprego, sem medo”). Para saber mais: Álvarez-Benavides, 2016.

¹³ Em 15 de maio de 2011 na Espanha. Para saber mais: Puig (2012) e Castells (2013).



se Lixe a Troika¹⁴, as Manifestações dos 20 centavos (Jornadas de Junho) no Brasil¹⁵, o Primavera Secundarista no Brasil¹⁶, o #MeToo¹⁷, etc.

Para além, os novíssimos movimentos sociais se caracterizam, principalmente, pela “[...] horizontalidade, a autonomia, o federalismo (vínculo com outras localidades), o apartidarismo e o ciberativismo” (PEREZ E SOUZA, 2017, p. 8) e são, inclusive, aqueles globais ou globalizantes, em que é possível vislumbrar que as mais diversas lutas sociais se internacionalizam de forma rápida e abrangem uma diversa gama temática (GOHN, 2018).

Também, as novas tecnologias, em especial a *internet*, são potencialidades geradoras de mobilizações, sendo consideradas uma maneira de constituição e atuação de muitos coletivos (GOHN, 2018; CASTELLS, 2013), em especial dos sujeitos da chamada Geração # e Geração *Blockchain* (Feixa, 2006 e 2018).

Seu poder vai além da mobilização em si, mas modificar-se em ações conectivas que admitem que a organização e difusão das pautas, dos atos e de futuras agendas se deem de forma muito mais efetiva pelos canais em que são disseminados, criando uma memória que pode ser facilmente acessada, debatida e compartilhada.

No entanto, e concordando com Castells (2013), alerta-se para o fato de que mesmo que as tecnologias proporcionem a participação de vários protagonistas de maneira instantânea, podendo gerar novos repertórios e pautas para a institucionalização, não quer dizer que esse processo é de todo positivo apenas por ter virtualidades.

Neste sentido, é imprescindível nos atentarmos que, aos efeitos que estes movimentos produzem na sociedade como um todo, é difícil colocar sob o mesmo plano todas as revoltas que se inserem nesse rótulo. No entanto, compreende-se que há componentes que os une e que “[...] têm como cerne a insatisfação com uma ordem de coisas já percebidas como intolerável [...]” (tradução nossa¹⁸ REGUILLO, 2017, p. 52-53).

¹⁴ Em setembro de 2012 em Portugal. Para saber mais: Soeiro (2014).

¹⁵ Em 2013. Para saber mais: Augusto, Rosa e Resende (2016).

¹⁶ Em outubro de 2016, jovens ocuparam escolas e universidades contra os cortes orçamentários na educação. Para saber mais: Weissbock (2017); Castro, Rodrigues e Ribeiro (2013); Girotto (2016).

¹⁷ Iniciado em Nova Iorque em 2017, foi impulsionado através da *internet* com um *tweet* da atriz Alyssa Milano contra assédio sexual e impulsionou diversos movimentos feministas pelo mundo.

¹⁸ “[...] tienen como núcleo la insatisfacción frente a un orden de cosas que se perciben ya como intolerables [...]” (REGUILLO, 2017, p. 52-53).



Como exemplo, as reclamações pelo aumento da democracia; a sociedade civil precarizada, em especial os jovens, com certo ceticismo com a ação institucional; a valorização da diversidade de expressão; o uso intensivo da *internet*; a busca de formas tendencialmente horizontais de organização; a preocupação com os mecanismos de gestão dos recursos; a impotência e frustração frente à experiência da violação de direitos humanos elementares, etc. (SOEIRO, 2014; REGUILLO, 2017).

Ajuizando essas “novas” especificidades nas formas de mobilização, segundo Feixa (2018), a indignação percorreu e percorre o mundo, compondo-se de múltiplas caras, mas tendo o rosto juvenil como o mais visível. E, por detrás disso há a presença de jovens hiperformados e hiperinformados, os quais conectam-se por meio das redes sociais, tanto de forma criativa e pacífica quanto de forma mais violenta. O contexto em que isso ocorre está em uma crise econômica global que dissimula com intensidade as novas gerações e com implicações que vão para além de uma precariedade material, apresentando-se na forma de uma crise de valores, ou melhor, de valores da crise (FEIXA, 2018).

Ao conjecturar sobre o que esses movimentos têm em comum e o que conecta os sujeitos, quais são suas motivações e suas propostas, é possível sugerir que independentemente do espaço em que ocorrem, seja virtual ou físico, bem como das diferenças e similitudes entre esses sujeitos “[...] não são revoltas de miséria, mas de bem-estar. Eles são liderados por uma geração não mais educada na ética puritana de economia, mas na ética hedonística do consumo e, acima de tudo, na ética pós-moderna da rede (a nética)” (tradução nossa¹⁹ FEIXA, 2018, p. 94).

E quando versamos sobre os jovens nestes contextos de mobilizações, é importante indicar que elegemos os tratar no plural pelo fato de que se compreende que se constituem enquanto “[...] um conjunto diversificado com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder na nossa sociedade” (ABRAMOVAY e CASTRO, 2015, p. 14). E, para além, “[...] ressalta-se que o emprego do termo no plural, antes de patrocinar uma perspectiva fracionada, na qual aparecem modelos de jovens separados, sinaliza a existência de elementos comuns ao conjunto dos jovens.” (ABRAMOVAY e CASTRO, 2015, p. 14).

¹⁹ “[...] no son revueltas de la miseria sino del bienestar. Están protagonizadas por una generación no ya educada en la ética puritana del ahorro, sino en la ética hedonista del consumo y, sobre todo, en la ética pós-moderna de la Red (*la nética*)”.



Além disso, compreender que estes jovens fazem parte do que chamamos de Geração #, definida por Feixa (2006 e 2018) como a geração da *web* social, em que, do ponto de vista tecnológico, supõe um *reset* das chaves de acesso à sociedade do conhecimento. Esta geração age a partir de uma conversação global de *bits*, em que a tecnologia móvel os permite estar conectados constantemente e em qualquer espaço, trabalhando, ao mesmo tempo, de forma individual e colaborativa. É a geração da inteligência coletiva, do conhecimento compartilhado e da conectividade entre indivíduos.

No que tange ao espaço, a Geração # prova o recuo para espaços mais próximos e personalizados (para a própria habitação, a esquina, o bairro, a praça ocupada, a entidade local, etc.). No entanto, não se trata de uma volta aos espaços “cara a cara” tradicionais, mas de uma reconstrução dos espaços sociais em forma híbrida, unindo o local e o global (em forma glocalizada).

E também os jovens da Geração *Blockchain*, que segundo Feixa (2006 e 2018) caracterizam-se por serem aqueles que já nasceram em um contexto da *Web 3.0*, no chamado capitalismo pós-crise, com a comunicação se dando por base na interconexão, em que as ocorrências são (re)compartilhados quase que instantaneamente e o espaço passa a ser considerado como o não lugar²⁰.

Reforçamos aqui, que os jovens devem ser compreendidos em suas diversidades, levando em consideração que é uma noção construída socialmente e, portanto, não cabe vislumbrar somente aspectos biológicos, mas pensar para além da faixa etária, imbuídas de temporalidades e transitoriedade de experiências.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A este estudo, propôs-se discutir sobre a existência de uma territorialidade política dos jovens nos novíssimos movimentos sociais e, portanto, considera-se que esta encontra-se implícita e explicitamente, seja de forma autônoma e/ou coletiva nos

²⁰ O conceito de não lugar foi tratado na Geografia inicialmente por Marc Augé a partir de 1992, em que o autor afirma que “o não lugar é o espaço dos outros sem a presença dos outros, o espaço constituído em espetáculo” (Augé 1994, 167) e que estão como espaços não identitários, não históricos e não relacionais. No entanto, não trataremos sobre este conceito, apenas o mencionamos tendo por base os trabalhos de Feixa (2014) sobre gerações, mas sem intenção de discutir epistemologicamente a respeito.



jovens pesquisados, sob a forma de engajamento e de luta em espaços físicos e/ou virtuais, uma vez que a territorialidade é eminentemente relacional.

Nessas relações “[...] operam a intercomunicação dos sujeitos pelos códigos e símbolos compartilhados, pelas causas que os animam, pelas relações de poder (ou contrapoder) e toda sorte de dinâmicas afetivas” (SANTOS e CUNHA, 2018, p. 42). E é na experiência da territorialidade que estão contidos exercícios afetivos sobre o espaço e sobre os objetos e eventos nele arrolados. “Esse exercício afetivo não é apenas expressão emocional do particular e do privado, mas é um estímulo-reação para a objetividade de vida, manifestada nos processos de luta e contestação das estruturas de poder e contrariedades” (SANTOS e CUNHA, 2018, p. 42).

E ainda, trata-se de um fenômeno social que abarca indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos, que creem que a luta, da forma que seja, lhes fornece elementos de tessitura, relacionado ao que lhes confere o motivo de ser e o significado das coisas, que os tornam interdependentes, em que estão imbricadas relações de poder.

Nos trabalhos de campo, em específico pelos questionários, arguidos sobre como compreendem que as pessoas veem os jovens que participam de movimentos sociais, nas respostas dos 80 jovens da Espanha, é possível conferir que: 9 dos jovens com mais de 18 anos e 22 dos jovens com menos de 18 anos, afirmaram que no imaginário das pessoas há uma visão tanto negativa quanto positiva. O que se considera natural, uma vez que este conceito é uma construção social e, portanto, os discursos implícitos no interior dos grupos dos quais fazem parte, da família, escola, mídia, etc., estão impregnados em seus imaginários. Como pode ser verificado em suas respostas, na sequência.

A respeito do que ajuízam, os menores de 18 anos afirmaram: “*Às vezes eles são subestimados porque são jovens. Ser jovem está relacionado a não saber. Eu também acredito que a generalização dos jovens é frequente*” (MJQEs49); “*Depende da opinião que eles têm sobre a causa do movimento. Se eles são a favor do que é reivindicado, eles nos veem como combatentes e se não são a favor, suponho que eles tentem tirar nossa voz*” (MJQEs41); “*Eles tiram importância e muitas vezes nos silenciam*” (MJQEs4); “*Como irresponsáveis e passageiros*” (MJQEs60); “*Muitas pessoas nos veem como se estivéssemos seguindo uma moda, ‘a moda do feminismo’, outras dizem que queremos apenas fazer barulho ou que não entendemos essas coisas*”



porque somos jovens demais. Mas sempre há pessoas que apoiam e veem que estamos interessados nesses movimentos sociais” (MJQEs61).

E aqueles com mais de 18 anos afirmaram: *“Muitas vezes somos ridicularizados” (MJQEs1); “Acho que todo mundo vai pensar e acreditar em coisas diferentes, radicais, fáceis de manipular, comprometidas, lutadoras, responsáveis, geração mudanças” (MJQEs11).*

No entanto, mesmo que estes jovens tenham indicado uma visão negativa de terceiros com relação àqueles que se mobilizam, em todos os momentos da mobilização (8M em Barcelona) bem como em outros questionamentos que lhes fora feito, os jovens se veem como uma geração que é capaz de tomar suas próprias decisões e que têm consciência de seus papéis na busca por mudanças.

Desta forma, é possível, a partir de algumas das respostas dos investigados, em específico de 4 dos jovens com mais de 18 anos, e 19 dos jovens com menos de 18 anos, verificar que em seus imaginários há, de certa forma, uma generalização negativa do que é ser jovem.

E, de outro lado, 5 dos jovens com mais de 18 anos e 19 dos jovens com menos de 18 anos, compreendem que há no imaginário de outras pessoas uma visão positiva, tendo-lhes como sujeitos valentes e que se orgulham dessas gerações que lutam pela mudança, em corroboração com o que Keniston (2008) trata sobre a juventude, em que esta não é o mesmo que a adoção de causas, modas retóricas ou posturas juvenis, que normalmente estão associadas à negatividade.

E isso pode ser verificado nas respostas desses jovens menores de 18 anos quando afirmam que: *“Como as novas gerações que estão pedindo uma mudança, no final como algo natural já que o mundo está mudando e evoluindo” (MJQEs4); “Acho que eles veem isso como algo positivo, que os jovens têm força e exigem uma mudança, não se conformam e lutam para alcançá-la” (MJQEs17); “Participando dos espaços, nos mobilizando e militando” (MJQEs45).*

E nas respostas dos com mais de 18 anos, em que afirmam que: *“Pelo que tenho podido perceber em algumas experiências ao longo da minha participação nesses movimentos, é que a maioria das pessoas veem os jovens com vontade de se mobilizar como uma esperança de melhoria no futuro e, geralmente, esses jovens recebem forte apoio e aceitação nos diferentes tecidos sociais. Deve-se sempre observar que também existem pessoas que acostumam não se mobilizar e que entendem que os jovens se*



queixam de tudo e não têm realmente ideias claras, mas essa opinião é claramente minoria” (HJQEs16); “Jovens que querem mudar o mundo”(MJQEs15).

Para além, do total dos que responderam ao questionário, 1 jovem com mais de 18 anos e 1 jovem com menos de 18 anos afirmaram não saber responder esta questão.

A respeito da imagem que se tem sobre os jovens, nas pesquisas que foram realizadas no Brasil, nos seus imaginários as mesmas questões aparecem, como pode ser verificado nas afirmações da MJE2:

Eu penso que eles estão em um caminho muito bom, não é um caminho fácil, não é um caminho de mil alegrias nem nada disso, mas é um caminho que muda nossa vida, muda a percepção de vida, muda a compreensão. É um caminho que te torna muito mais empático, muito mais solidário, que te faz compreender o mundo pelas relações sociais e pelos espaços que os indivíduos ocupam, e sob uma perspectiva coletiva, que eu acho que é o mais importante. O que eu posso falar é que eu tenho muito orgulho de saber que outras pessoas, principalmente os jovens, estejam participando. Eu tenho muito orgulho e é o que eu mais quero que aconteça, [...] porque a vida muda muito depois dos movimentos sociais, a percepção de vida muda e depois que ela muda você não consegue voltar para o que era antes [...].

De maneira complementar, a MJE3 faz uma consideração que é pontuada em muitos momentos pelos jovens que responderam a entrevista, quando indicam que participar ativamente de movimentos sociais modificaram e modificam suas concepções de mundo, como segue: “Acredito ser de grande valia para o crescimento deles, pois as vivências que eles terão nesses movimentos sociais auxiliarão muito para o crescimento do caráter deles” (MJE3).

Para o HJE2:

Particularmente acredito demais na força que a juventude tem sobre a mudança de narrativa na sociedade e a participação destes nas atuais disputas na sociedade, é fundamental para que haja uma renovação. E renovação no sentido de que a sociedade hoje pauta outras necessidades, e a renovação dos debates sobre igualdade de direitos perpassa à juventude. Em contrapartida há, nos movimentos de juventude, uma reprodução sistemática dos velhos vícios da política brasileira que desacreditam muitos jovens em relação à força que a juventude pode “carregar”. As entidades estudantis, por exemplo, [...] funcionam somente como um suporte burocrático/financeiro para grupos políticos que se enraízam dentro destas. Não conseguem mais dialogar com os estudantes e não têm mais uma confiança em sua atuação.



Em conformidade com os entrevistados, dos 35 questionários *online* aplicados no Brasil, 11 jovens afirmaram que existe dubiedade nas concepções que outras pessoas têm sobre eles, como é possível verificar em suas respostas: *“De forma dividida, uns dizem que é rebeldia, extremismo, outros dizem que é preciso”* (MJQBr33); *“Acredito que há diferentes perspectivas. São vistos como: desde pessoas que não tem nada melhor para fazer, à pessoas conscientes que se sentem responsáveis em agir para melhorar realidade em vivem”* (HJQBr6).

Outros 18 jovens creem que a imagem que outras pessoas têm a respeito dos jovens que participam de movimentos sociais são negativas: *“Como o jovem rebelde, que não está feliz com o que tem ao seu redor e muitas vezes posicionando-se politicamente com comentários agressivos”* (MJQBr32); *“Pensam que somos baderneiros”* (MJQBr28).

E três jovens acreditam que a sociedade os vê com “bons olhos”: *“Pessoas que lutam por seu futuro e pelas próximas gerações”* (HJQBr25); *“Acredito que as pessoas enxergam os jovens como atores do futuro que buscam um mundo melhor e lutam por isso”* (HJQBr21); *“Comprometidos e esclarecidos”* (MJQBr7). Dos demais, três jovens afirmaram não saber responder a esta pergunta.

Deste modo, das análises aqui propostas, é possível inferir que não há uma cultura juvenil unitária, senão culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, com pensamentos e ações comuns, mas que são, muitas vezes, contraditórios entre si. Há, portanto, aquilo que os une e aquilo que os diferencia, expressando territorialidades, que se relaciona com o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence e, portanto, à identificação que fazem com seus espaços vividos.

Territorialidade esta que está, inclusive, enquanto a representação dos tipos de uso dos territórios e, portanto, no caso dos jovens que participam dos novíssimos movimentos sociais, em seus esforços coletivos para ocupar e (re)organizar os espaços e os conteúdos de reivindicação.

Logo, conferindo identidade àqueles que vivenciam os momentos de mobilização, independentemente do tempo que duram e do espaço que ocupam, seja virtual e/ou físico. E para além, é importante reiterar que essa identidade se produz por um processo dialético e, portanto, dinâmico, flexível e contraditório.

Quanto às formas de participação, seguindo a caracterização dessas mobilizações enquanto novíssimos movimentos sociais, é possível verificar que isso não



ocorreu tão e somente nas ruas. Dos jovens residentes na Espanha, quando questionados sobre como participaram das mobilizações, se nas ruas ou por outros meios, 16 jovens afirmaram que não participaram da mobilização nas ruas e 45 participaram (com menos de 18 anos); 5 não participaram e 14 participaram (com mais de 18 anos). Dos que não participaram mobilizando-se nas ruas, o fizeram principalmente pelo *Instagram*, *Twitter*, *Facebook* e *Whatsapp*.

E, no Brasil, 26 jovens não participaram do movimento feminista 8M nas ruas. Destes, 12 participaram por outros meios, como o *Twitter*, *Instagram*, *Facebook* e conversando com outras pessoas sobre a importância do que o movimento reivindica. Dos que participaram do 8M nas ruas, nove afirmaram que sim e oito destes também participaram por meios virtuais como o *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*.

Questionados sobre se participaram de alguma assembleia, reunião ou encontro para falar sobre o 8M, antes das mobilizações nas ruas (Barcelona), dos jovens com menos de 18 anos, 48 disseram ter participado, justificando: *“Porque acho que na Espanha ainda existe desigualdade de gênero. Eu acho que é necessário tornar visível o feminismo e suas múltiplas lutas. Por que é um método para empoderar a outras e a si mesmo. Para compartilhar essa luta pela igualdade de gênero. Para me informar do meu papel”* (MJQEs49); *“Porque é necessário compartilhar nossas opiniões e experiências para crescer e ser mais fortes”* (MJQEs3); *“Para conseguir mais informação e organizar o 8M”* (MJQEs56); *“Porque me pareceu importante me informar e tentar informar mais pessoas sobre isso”* (MJQEs46).

Dos inquiridos, 13 jovens com menos de 18 anos não participaram, justificando: *“Porque não tive a oportunidade”* (MJQEs47); *“Porque não tinha tempo”* (MJQEs40); *“Porque não sabia de nenhuma”* (MJQEs2).

Dos jovens com mais de 18 anos, 11 participaram, justificando: *“Porque as reuniões e assembleias são a chave para organizar a mobilização”* (HJQEs16); *“Para saber o que os homens podemos/temos que fazer”* (HJQEs12); *“Considero que, com calma e sem tantos ruídos externos, é possível falar com mais profundidade, compartilhar, criar arte em diferentes modalidades”* (MJQEs11); *“8M é a luta de todas as mulheres, mas os homens tinham que estar preparados para enfrentar todos os ataques machistas contra a igualdade e a luta feminista”* (HJQEs6). E os outros oito não participaram, justificando: *“Falta de tempo”* (MJQEs9); *“Não estou em nenhum grupo que trate desse tema. Assisti individualmente”* (HJQEs2).



Dos brasileiros, os 26 que não participaram, justificaram-se afirmando que: *“Por que não houve nenhuma no meu município”* (MJQBr19); *“Não sabia do movimento”* (HJQBr24); *“Falta de tempo disponível”* (HJQBr25). E os nove que participaram: *“Para me informar”* (MJQBr35); *“Participei para conhecer os principais motivos do movimento no dia 08 de março e quais as intervenções”* (MJQBr32); *“É importante que mulheres se reúnam para falar de seus interesses em comum quanto aos seus direitos”* (MJQBr22).

Nota-se que há em suas respostas elementos constitutivos dos novíssimos movimentos sociais, em que as mobilizações ocorrem para além dos espaços virtuais, mas também aos espaços físicos. E, reforçando a hipótese de que há uma intersecção (no sentido de que ideais se cruzam) e articulação (no sentido de união e junção) entre as mobilizações que acontecem nos espaços de participação *online* e nos espaços de participação físicos, tendo em vista que o uso da *internet* não substitui a mobilização nesses espaços físicos, mas, ao contrário, essa ocupação dos espaços públicos são centrais a esses movimentos.

Para além de questioná-los sobre as formas de participação, também interessava saber sobre se creem que essas lutas podem obter êxitos, uma vez que nas teorias dos movimentos sociais, independente de serem velhos, novos ou novíssimos movimentos sociais, ao ocorrer uma mobilização o ponto inicial está na crença de que o espaço organizado no qual se vive, e quanto àquilo que não se concorda, pressupõem a certeza de que mudanças podem ocorrer.

Das respostas que se obteve através dos questionários, 1 dos jovens que vive na Espanha afirmou que: *“Eles podem motivar, ajudar ou pressionar para que as organizações e instituições políticas a acabar fazendo o que é reivindicado. Depende de vários fatores e este é um deles. O positivo é que depende da cidadania e, em muitas ocasiões, além da votação, é o único recurso que temos para defender certas ideias”* (HJQEs18).

Dos brasileiros, 32 jovens corroboram com isso, como é possível verificar em algumas de suas respostas: *“Sim, pois como no ditado que a União faz a força, tudo pode acontecer quando nos unimos em prol de um bem coletivo”* (MJQBr19); *“Sim, pois temos exemplo disso na história”* (MJQBr33); *“Sim. A luta e o enfrentamento se for contínuo e tiver força, pode resultar em ganhos para quem deseja”* (HJQBr25);



“Sim, pois a reivindicação é uma parte importante do processo democrático” (HJQBr28).

Porém, também há concepções diversas, em que creem que: *“Depende, não é só com passeata e movimento na rua que se constrói uma ação concreta. A articulação de movimentos deveria começar antes de tudo de ações concretas para a sociedade, não como paternalismo, mas como ação de melhoria para todos. As ruas com passeatas seria um meio de mostrar o que se tem feito e o que se precisa conquistar, e não o fim da coisa”* (MJQBr17); *“Depende da questão política e dos políticos que estão a frente do poder”* (MJQBr13).

Ao trazer alguns dos elementos tratados na pesquisa de doutorado à este artigo, mesmo que se considere importante as demais relações estabelecidas na pesquisa maior para refletir de forma mais vertical sobre as territorialidades políticas juvenis, as aqui tratadas dão conta de indicar esses elementos.

Considera-se que a territorialidade está enquanto o "lado vivido" do "lado atuante" do poder (RAFFESTIN, 2012) em que é nessa base que ela captura as interseções entre sociedade, espaço e poder, abarcando que ela é o oculto, a estrutura dissimulada do cotidiano e “[...] uma ação social, racional e propositalmente realizada por indivíduos e organizações coletivas” (YILMAZ, 2018, p. 133), em que os movimentos sociais são ações que desenvolvem relações complexas e diversificadas sejam em seu interior ou no que está externo a ele.

E a territorialidade política dos jovens está neste movimento de lado vivido e atuante do poder e do contrapoder, capturando o oculto nas relações entre sociedade, espaço, poder e indivíduos, nas suas individualidades e/ou coletividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível indicar, do investigado, que a partir do final de 2010, em especial, o mundo passou a bradar anseios que se tornaram coletivos por meio de aspirações comuns. Mesmo considerando que cada país, estado ou cidade tenha suas particularidades culturais, econômicas, sociais e políticas, é possível dizer que têm, também e em comum, o fato de estarem imersos em contextos que, por vezes, aprofundam as desigualdades de todas as formas (sociais, econômicas, culturais, comportamentais e outras), levando à insatisfação e à inquietude frente a uma ordem de coisas consideradas como inaceitáveis.



As demandas globais de mobilizações, denominadas aqui de novíssimos movimentos sociais, permitem uma dualidade na leitura dos acontecimentos daí decorrentes, bem como daqueles que as motivaram.

De um lado, um olhar mais romantizado, que leva a crer que os movimentos sociais vão continuar a lutar, debater e evoluir, como aconteceu ao longo dos tempos, produzindo história e buscando mudar a lógica hegemônica das relações. E, se a lógica de continuidade da luta está nos discursos proferidos pelos investigados à esta pesquisa, então é possível vislumbrar que, em meio a um contexto glocal, com jovens imersos em espaços de participação físicos e também virtuais, e que os levam para diversas partes do mundo, que lhes permitem compartilhar informações, conhecimentos e anseios com milhares de pessoas, então o mundo, a partir das pessoas que nele habitam, continuará a reivindicar direitos em meio à mobilizações e manifestações.

As motivações para tal remetem-se ao que Raffestin (2012) indica sobre territorialidades, ou seja, que estas derivam da atividade que os seres humanos realizam no espaço que lhes é dado ou fornecido em comum, dentro dos limites da concepção que eles têm disso.

No entanto, esses espaços de participação não caracterizam de forma distinta estes movimentos sociais, uma vez que reivindicam direitos constitucionais que são obrigações dos Estados e, por isso, a ocupação de espaços públicos. O que leva a concordar com Raffestin (1993), quando afirma que conceber a territorialidade como uma simples ligação com o espaço seria fazer renascer um determinismo sem interesse. É sempre uma relação, mesmo que diferenciada, com os outros atores.

Em relação à participação dos jovens nos movimentos antiglobalização associados ao surgimento de novas formas de ativismos coletivos, em um contexto de redes globais e da *cibercultura*, foi possível inferir que são lutas intergeracionais, apesar de terem enquanto protagonistas os jovens. Além disso, também são movimentos globais, inclusive, no que diz respeito ao alcance geográfico e temático. Caracterizam-se por serem mais plurais, mais autônomos, mais horizontais, em que o espaço virtual ocupa um lugar central dessas ações, mas não deixando de também efetivar-se nos espaços físicos.

Compreende-se, finalmente, que a territorialidade é relacional, e que nela operam a intercomunicação dos sujeitos pelos códigos e símbolos compartilhados, assim como pelas causas que os animam, pelas relações de poder, ou contrapoder, e de dinâmicas afetivas. E poder, para além do poder no sentido concreto de dominação (poder político), mas também



ao poder simbólico, que está relacionado à apropriação de determinados grupos para com seu espaço de vivência.

Sem dúvida, ainda, pode-se afirmar, que é na experiência da territorialidade que estão contidos exercícios afetivos sobre o espaço e sobre os objetos e eventos nele arrolados. E esse exercício afetivo não é apenas uma demonstração emocional do particular e do privado, mas sim um estímulo-reação para a objetividade de vida dos sujeitos, e que se manifesta nos processos de luta e contestação das estruturas de poder e contrariedades existentes.

E, portanto, ao se vislumbrar uma territorialidade política, considera-se que esta se trata de um fenômeno social que abarca indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos, que creem que a luta, da forma que seja, lhes fornece elementos de tessitura, relacionado ao que lhes confere o motivo de ser e o significado das coisas, que os tornam interdependentes, em que estão imbricadas relações de poder. E para além, que promovem trocas enriquecedoras em função do fortalecimento das identidades forjadas a partir desses encontros de grupos sociais distintos.

A territorialidade aqui deve ser entendida enquanto o “lado vivido” do “lado atuante” do poder (RAFFESTIN, 2012), em que é nessa base que ela captura as interseções entre sociedade, espaço e poder, abarcando que ela é o oculto, a estrutura dissimulada do cotidiano e, portanto, uma ação social, racional e propositalmente efetivada por pessoas e organizações coletivas (YILMAZ, 2018).

Logo, os movimentos sociais são ações que desenvolvem relações complexas e diversificadas sejam em seu interior ou no que está externo a ele, em que a territorialidade deve ser compreendida como multidimensional e inerente à vida em sociedade (RAFFESTIN, 1993).

Certamente, assim, a territorialidade política dos jovens está neste movimento de lado vivido e atuante do poder e do contrapoder, capturando o oculto nas relações entre sociedade, espaço, poder e indivíduos, nas suas individualidades e/ou coletividades. A territorialidade política dos jovens está em pertencer, existir e resistir!

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. Ser jovem no Brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira. *Cadernos Adenauer XVI*, Rio de Janeiro. n. 1, p. 13-25, 2015. Disponível em: https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=55825619-323e-712f-2f0a-f7b2fb31b673&groupId=265553. Acesso em: 9 maio 2018.



ÁLVAREZ-BENAVIDES, Antonio. *Juventud sin futuro: precariedad, subjetividad y activismo*. 2016. Disponível em: <http://www.fes-sociologia.com/files/congress/12/papers/2889.pdf>. Acesso em: 2 maio 2019.

AUGÉ, Marc. *Le sens des autres*. Actualité de l'anthropologie. Paris: Fayard, 1994.

AUGUSTO, Acácio; ROSA, Pablo Ornelas; RESENDE, Paulo Edgar da Rocha. Capturas e resistências nas democracias liberais: uma mirada sobre a participação dos jovens nos novíssimos movimentos sociais. **Estudos de sociologia Araraquara**, v. 21 n. 40 p. 21-37 jan-jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/7581>. Acesso em: 10 set. 2019.

CASTELLS, Manuel. 2013. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CASTRO, Iná Elias de; RODRIGUES, Juliana Nunes; RIBEIRO, Rafael Winter. Para o encontro da geografia com a democracia. In: CASTRO, Iná Elias de; RODRIGUES, Juliana Nunes; RIBEIRO, Rafael Winter (org). *Espaços da democracia: para uma agenda da geografia política contemporânea*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p. 11-20.

ESTANQUE, Elísio. 2014. Rebeliões de classe média? Precariedade e movimentos sociais em Portugal e no Brasil (2011-2013). *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online]. Coimbra, n. 103, p. 53-80. Disponível em: <http://rccs.revues.org/5540>. Acesso em: 24 de abr. de 2019.

FEIXA, Carles. *De jóvenes, bandas y tribos*. 3ª edición actualizada. Barcelona: Editorial Ariel, S. A. 2006.

_____. ¿Una juventud global? Identidades híbridas, mundos plurales. In: FEIXA, Carles (Org.). *De la Generación@ a la #Generación: La juventud en la era digital*. 1ª ed. Barcelona: Ned Ediciones. Edição do Kindle. 2014. Cap. 2, p. 57-121.

_____. Culturas juveniles como perspectiva para analizar juventudes. **Última década**, Santiago, v.26, n. 50, p. 89-105, dic. 2018. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362018000300089&lng=es&nrm=isso. Acesso em: 20 mar. 2019.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. A dimensão espacial da escola pública: leituras sobre a reorganização da rede estadual de São Paulo. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 37, n. 137, p. 1121-1141, 2016.

GOHN, Maria da Gloria. 2018. *Manifestações e protestos no Brasil: Correntes e contracorrentes na atualidade (Questões da nossa época)*. Cortez Editora. Edição do Kindle.

JURIS, Jeffrey S.; PEREIRA, Inés; FEIXA, Carles. 2012. La globalización alternativa y los 'novísimos' movimientos sociales. *Revista del Centro de Investigación*. Universidad La Salle, v. 10, n. 37, p. 23-39. Universidad La Salle Distrito Federal, México.



KENISTON, Kenneth. Juventud: una nueva etapa de la vida. p. 249-269. In: ISLAS, José Antonio Pérez; GONZÁLES, Mónica Valdez Gonzáles. (Coords.). *Teorías sobre la juventud: las miradas de los clásicos*. 1ª ed. México: Miguel Angel Porrúa. Grupo Editorial. 2008.

PEREZ, Olívia Cristina; SOUZA, Bruno Mello. 2017. *Velhos, novos ou novíssimos movimentos sociais?* As pautas e práticas dos coletivos. 41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS - GT11 Entre as Ruas e os Gabinetes: institucionalização e contestação nos movimentos sociais. Caxambú/MG. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/41-encontro-anual-da-anpocs/gt-30/gt11-15/10696-velhos-novos-ou-novissimos-movimentos-sociais-as-pautas-e-praticas-dos-coletivos/file>. Acesso em: 20 de nov. de 2018.

PUIG, Salvador Martí I. Pienso, luego estorbo: España crisis e indignación. *Nueva sociedad*, n. 236, noviembre-diciembre de 2011. Disponível em: www.nuso.org. Acesso em: 18 out. 2019.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Space, territory, and territoriality*. Environment and Planning D: Society and Space 2012, vol. 30, p. 121-141. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1068/d21311>. Acesso em: 4 de dez. de 2019.

REGUILLO, Rosana. 2017. *Paisajes insurrectos: Jóvenes, redes y revueltas en el otoño civilizatorio*. España: NED Ediciones.

SANTOS, G., M. das G. Cunha. 2018. As Territorialidades Insurgentes do Gigante Desperto: Jornadas de Junho de 2013 no Brasil e suas Dinâmicas Territoriais. *Revista Do Departamento De Geografia*, 35, 37-48.

SOEIRO, José. Da Geração à Rasca ao Que se Lixe a Troika. Portugal no novo ciclo internacional de protesto. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. XXVIII, p. 55-79, 2014.

WEISSBOCK, Lara Pires. Territórios da cidadania: os movimentos sociais juvenis no Brasil. *Geographia Opportuno Tempore*, Londrina, v. 3, n. 2, p. 190-203. 2017.

YILMAZ, Samet. 2018. *Human Territoriality: a spatial control strategy*. *Alternatif Politika*, 10 (2): 131-155.